

CÂNCER NO BRASIL: PRESENTE E FUTURO

No Brasil, o câncer representa a segunda causa de óbito na população adulta, sendo que, de acordo com as previsões do Instituto Nacional do Câncer, a incidência da doença no ano de 2003 atingiria de 186.155 casos novos em homens e 216.035 em mulheres, com mortalidade de 68.350 e 58.610 casos, respectivamente. Quanto à distribuição geográfica, estima-se que 8,21% dos casos ocorram na Região Nordeste, 9,11% no Norte, 12,3% no Centro-Oeste; 13,96% no Sudeste e 17,07% no Sul.

Em relação ao tipo de câncer, o de maior incidência é o de pele do tipo não-melanoma, com previsão em 2003 de 39.000 casos novos em homens e 43.155 em mulheres. Entretanto, o câncer de maior mortalidade em homens é o de vias aéreas inferiores, responsável por 3.475 óbitos previstos para 2003 e em mulheres é o de mama, com estimativas de 41.610 novos casos e 9.335 óbitos, também em 2003.

Em crianças com idade até 15 anos, as neoplasias malignas mais freqüentes em ordem decrescente são leucemias, linfomas, tumores do sistema nervoso central e do sistema simpático, rabdomiossarcomas, tumor de Wilms, retinoblastomas e tumores ósseos. Estima-se uma incidência anual em todo o mundo de 200.000 casos novos de câncer em criança, o que extrapolado para nosso país resultaria a cifra de 6.000 crianças por ano. O tipo mais comum de câncer na criança é a leucemia linfoide aguda, cuja sobrevida atual situa-se em torno de 75% dos casos.

O diagnóstico e tratamento dos diferentes tipos de câncer, em todas as idades, sofreram expressivos avanços nos últimos 20 anos. Modernos métodos de imagem, análises bioquímicas e métodos de biologia molecular têm permitido o diagnóstico apurado, acompanhamento adequado e avaliação do prognóstico dos pacientes. O diagnóstico precoce aliado aos atuais métodos terapêuticos (radio-terapia, quimioterapia, cirurgia e transplante de medula óssea) têm permitido índices de sobrevida progressivamente maiores em casos considerados incuráveis até há pouco tempo. Ressalte-se também a importância

do constante surgimento de medicamentos quimioterápicos mais eficazes e o emprego do esquema combinado de drogas.

Qual é o papel do médico nesta realidade? O primeiro aspecto refere-se ao diagnóstico precoce e a disseminação das medidas eficazes de prevenção dos tipos mais prevalentes de câncer. Um número significativo de casos, passíveis de detecção precoce, como o câncer colorretal e o de mama, em nosso meio ainda são diagnosticados em estágios avançados de evolução. Portanto, o diagnóstico precoce e a maior perspectiva de cura representam a primeira barreira a ser vencida, com esforço multilateral, envolvendo autoridades governamentais, mídia, população e médicos. Campanhas educacionais, visando esclarecer a população da necessidade da detecção precoce da doença, bem como a sensibilização da classe médica de que cada consulta, ainda que direcionada a outra queixa, seja uma oportunidade de prevenção do câncer constituem meios de aliviar a dura realidade do diagnóstico tardio.

Adicionalmente, sabe-se que mais de 50% dos casos de câncer ocorrem com a participação de hábitos nocivos, tais como tabagismo, sedentarismo, contatos com carcinógenos ambientais, alimentação inadequada contendo excesso de nitrosaminas, de gordura animal, corantes e conservantes. Estima-se que, se o número de fumantes no mundo fosse reduzido em 30% mais vidas seriam salvas do que se conseguiu com a somatória de todos os avanços da oncologia dos últimos 10 anos. Conscientização da população, através da mídia, além da facilitação do acesso de fumantes a ambulatórios específicos para a cessação do tabagismo, com orientações e medicações apropriadas sem custo, constituem medidas eficazes a serem tomadas. Outra medida, de caráter governamental, seria, a exemplo da França, o aumento do preço do maço de cigarros decorrente de maior cobrança de impostos que poderiam ser revertidos para propaganda antitabagista e para pesquisas voltadas para o combate ao câncer.

Com o aumento do número de casos de câncer em nosso meio, o médico clínico

deverá, em futuro próximo, participar ativamente do tratamento de seus pacientes com câncer, à semelhança das doenças crônicas, como diabetes e hipertensão. Com o advento de modalidades terapêuticas menos tóxicas como anticorpos monoclonais, terapia anti-angiogênica, inibidores de fatores de crescimento, terapia gênica e imunoterapia, o câncer se converterá em mais um tipo de doença crônica a ser acrescentada ao rol de enfermidades que muitos dos pacientes irão manifestar à medida que avance a sua idade.

Dois outros aspectos merecem atenção. A forma de aprovação de drogas no Brasil ainda precisa se ampliar, para incluir a aprovação provisória e condicionada de novos medicamentos que já se mostraram efetivos e seguros nas fases I e II de pesquisa clínica, dependentes, entretanto, de mais estudos de fase III para sua aprovação definitiva. Tal prática, conhecida nos Estados Unidos como "fast track", está consagrada em países desenvolvidos, onde os critérios para aprovação são exemplarmente rigorosos. Tal medida é especialmente crucial para medicamentos destinados à Aids e ao câncer. Adicionalmente, é necessário ainda melhorar o acesso de pacientes a protocolos de pesquisa clínica, criando novos centros de investigação financiados por tributos incidentes sobre tabaco e bebidas alcoólicas, como antes sugerido.

Os índices de mortalidade do câncer ainda são altos, apesar de apresentarem tendência de declínio. Cada nova possibilidade terapêutica traz esperança de maior tempo de sobrevida e de melhor qualidade de vida aos pacientes. Em revistas indexadas, que constam no Medline, surgem mais de 80 mil artigos científicos a cada ano, versando sobre diferentes aspectos da doença. Dada a importância de se ampliarem os horizontes nesta área, a Revista da AMB incluiu uma nova Editoria, a de Cancerologia, que tem o intuito de trazer um enfoque mais específico para esta área da Medicina. A tarefa de educar, sensibilizar e efetivamente integrar médicos na luta contra o câncer agora conta com mais um eficiente aliado.